

Mapa bíblico impresso ao contrário influenciou as fronteiras do mundo

Estudo da Universidade Cambridge investiga o mapa da Terra Santa na Bíblia original

Universidade de Cambridge

Um mapa impresso ao contrário há 500 anos pode ter ajudado a moldar a forma como o mundo entende fronteiras políticas. A conclusão é de um novo estudo da Universidade de Cambridge sobre a primeira Bíblia que trouxe um mapa da Terra Santa, publicada em 1525 em Zurique.

O erro é evidente, aponta o estudo. Mediterrâneo aparece no lado leste, e mesmo assim, o impacto foi profundo. “Eles imprimiram o mapa ao contrário. O Mediterrâneo aparece a leste da Palestina. Mas ninguém na oficina percebeu”, afirma Nathan MacDonald, professor de Interpretação do Antigo Testamento em Cambridge. “Isso é simultaneamente um dos maiores fracassos e triunfos da história editorial.”

Para ele, esse equívoco mudou a relação do público com a Bíblia. “Esse mapa transformou a Bíblia para sempre e hoje a maioria das Bíblias contém mapas”, diz. O comunicado também afirma que a presença do mapa marcou uma virada na forma como leitores passaram a imaginar a geografia sagrada e os limites dos territórios.

O mapa foi criado por Lucas Cranach, o Velho. Ele mostrava as andanças no deserto e a divisão da Terra Prometida entre as doze tribos de Israel. A divisão não tinha função política. Era uma construção cristã voltada à noção de herança espiritual.

Com o avanço da impressão, essas delimitações migraram para atlas seculares. “O mapa não era geograficamente preciso, mas ajudou leitores a dar sentido a textos difíceis. Josué 13-19 não apresenta uma imagem totalmente coerente das cidades e territórios das tribos”, explica MacDonald.

O professor lembra que a Reforma Suíça estimulou leituras literais da Bíblia. “A leitura literal era essencial. Não é surpresa que o primeiro mapa bíblico tenha sido publicado em Zurique”, afirma. Ele também destaca que, em um período que restringia imagens religiosas, mapas da Terra Santa se tornaram objetos de devoção. “Quando leitores percorriam o mapa e paravam em Carmelo, Nazaré, Jordão ou Jericó, faziam uma peregrinação virtual.”

Da devoção à política

O estudo mostra que a mudança ocorreu quando as linhas espirituais dos mapas bíblicos foram replicadas em mapas do continente europeu. As fronteiras passaram a significar soberania. “As linhas nos mapas começaram a simbolizar limites de autoridade política e não mais promessas divinas”, explica MacDonald.

O pesquisador reforça que essas linhas já apareciam em mapas medievais. Por isso, esses mapas não copiaram a cartografia moderna. Eles serviram de modelo visual



Professor Nathan MacDonald mostra a Bíblia original na Trinity College's Wren Library

que atlas do século 16 e 17 adotaram. A partir disso, geografias que antes representavam heranças simbólicas se tornaram referências para fronteiras territoriais.

“Um texto que não fala de fronteiras políticas no sentido moderno tornou-se um exemplo da ordem divina do mundo segundo Estados-nação”, afirma o professor. Ele observa que a leitura bíblica também mudou. Passagens que antes eram vistas como metáforas espirituais passaram a ser tratadas como descrições literais de divisões territoriais.

Por que isso importa hoje?

Segundo MacDonald, a influência continua atual. “Para muitas pessoas, a Bíblia segue como guia para crenças básicas sobre Estados-nação e fronteiras. Elas consideram essas ideias bíblicamente autorizadas e, portanto, verdadeiras”, diz.

Ele cita um vídeo recente da agência de fronteiras dos Estados Unidos em que um agente recita Isaías 6:8 sobrevoando a divisa com o México. Para o professor, esse tipo de associação requer cuidado. “Quando perguntei ao ChatGPT e ao Google Gemini se fronteiras são

bíblicas, ambos responderam ‘sim’. A realidade é mais complexa.”

“Devemos nos preocupar quando qualquer grupo afirma que sua forma de organizar a sociedade tem base divina. Isso costuma simplificar e distorcer textos antigos escritos em contextos muito diferentes”, disse Nathan MacDonald, responsável pelo estudo.

A pesquisa conclui que a Bíblia nunca foi estática, e foi reorganizada e reinterpretada ao longo dos séculos. E um mapa invertido, criado por engano, acabou influenciando a formação dos Estados modernos.

Mortes após enchentes na Ásia se aproximam de 1.800

As mortes em decorrência de inundações em vários países do Sudeste Asiático ultrapassam as 1.790 neste sábado (6). As zonas críticas do desastre ambiental são cidades da Indonésia e do Sri Lanka, onde há preocupações sobre o abastecimento de comida e água potável para a população.

Nas últimas semanas, chuvas torrenciais e inundações catastróficas atingiram o Sri Lanka, o sul da Tailândia, o norte da Malásia e regiões da Indonésia. Na ilha de Sumatra, que integra o território indonésio, são 908 mortes --mais de 400 pessoas estão desaparecidas no destino turístico, segundo a agência de gestão de catástrofes do país.

As autoridades tentam evitar que o desabastecimento e a fome façam mais vítimas na ilha. Há aldeias e áreas de acesso remoto na região, onde é mais difícil levar apoio. “Há áreas que continuam inacessíveis nas regiões remotas

de Aceh”, alertou Muzakir Manaf, governador da província “completamente destruída, de norte a sul, desde as estradas até o mar”.

“Muitas pessoas precisam de produtos de primeira necessidade”, afirmou à imprensa, alertando que “as pessoas não morrem pelas inundações, mas pela fome”.

Os serviços meteorológicos da Indonésia apontam novas chuvas no sábado em Aceh e Sumatra, onde residências foram destruídas pela água e por deslizamentos.

Fachrul Rozi, vítima das inundações em Aceh, contou que passou a última semana amontoado em uma velha tenda junto com outras pessoas que fugiram das águas. “Comíamos o que encontrávamos, ajudando-nos uns aos outros com as escassas provisões que cada um havia trazido. Dormíamos amontoados uns sobre os outros”, disse à AFP.

Munawar Liza Zainal, outro morador de Aceh, disse se sentir

traído pelo governo indonésio, que até agora não declarou o estado de catástrofe nacional, apesar das pressões da população. “É uma catástrofe extraordinária que deve ser tratada com medidas extraordinárias”, defendeu.

O Sri Lanka, também devastado pelas tempestades, pediu auxílio internacional nesta semana e confirmou um saldo de 607 mortos e 214 desaparecidos na ilha, localizada ao sul da Índia.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) examina o pedido do Sri Lanka, que atravessa uma grave crise econômica, para obter US\$ 200 milhões (R\$ 1 bilhão) adicionais aos US\$ 347 milhões (R\$ 1,9 bilhão) que receberá neste mês.

O presidente sri-lankês, Anura Kumara Disanayake, descreveu a emergência como a catástrofe natural mais grave que o país já sofreu. Mais de dois milhões de pessoas --quase 10% da população--



Reuters/Folhapress

Indonésia sofreu com a enchente. Países esperam mais chuva

foram afetadas pelas inundações e deslizamentos de terra.

O Ministério das Finanças do país anunciou na sexta-feira (5) que distribuirá um auxílio para os sobreviventes de até dez milhões de rúpias (cerca de R\$ 173 mil) para compra de terrenos em locais seguros e reconstrução das casas. O governo também pretende indenizar com um milhão de rúpias (R\$ 17 mil) os familiares de mortos e pessoas permanentemente debilitadas

como consequência do desastre.

As chuvas torrenciais acontecem em uma época menos comum do que o esperado para o Sudeste Asiático. A época de monções, quando os eventos climáticos são esperados, vai de maio a outubro. Neste ano, a temporada prolonga-se até o final do ano e converge com intensa atividade ciclônica. O fenômeno é parte do agravamento da crise climática, que altera a sazonalidade dos acontecimentos naturais.